vinetur

Chile registou a receita de exportação de vinho mais baixa do primeiro semestre desde 2021

As vendas caíram 15,3%, para 568,48 milhões de euros, depois de a redução dos envios de vinho embalado ter afetado as receitas na maioria dos principais mercados

sexta-feira, 13 de novembro de 2026



Entre janeiro e junho de 2026, o Chile obteve 568,48 milhões de euros com as exportações de vinho, cerca de 103 milhões de euros menos do que no mesmo período de 2025. A redução dos envios e a descida dos preços médios afetaram as vendas em quase todas as principais categorias de produtos e mercados.

Os dados, publicados num relatório da Organização Interprofissional do Vinho de Espanha, conhecida como OIVE, e baseados em dados aduaneiros chilenos compilados através da Trade Data Monitor, mostram que as receitas de exportação caíram 15,3% no primeiro semestre de 2026. O volume exportado recuou 12,7%, para 304,76 milhões de litros. O valor médio desceu para cerca de 1,87 euros por litro, menos quase 3%, o que significa que o Chile vendeu menos vinho no total e recebeu também, em média, menos por cada litro enviado para o estrangeiro.

A maior parte da quebra deveu-se ao vinho embalado, que continuou a ser, de longe, o principal formato de exportação do Chile. Esta categoria, que inclui vinho em recipientes com menos de 2 litros, espumante e bag-in-box, gerou 485,71 milhões de euros, menos 15,8% do que no ano anterior. O volume da categoria caiu 11,9%, para 191,08 milhões de litros, enquanto o valor médio recuou 4,4%, para 2,54 euros por litro. O vinho embalado representou 85,4% das receitas de exportação do Chile e cerca de 89% da quebra total das receitas, ou aproximadamente 91 milhões de euros.

Dentro desta categoria, o vinho em recipientes com menos de 2 litros continuou a ser o segmento principal. As receitas deste segmento atingiram 475,41 milhões de euros, menos 14,5%, com envios de 186,40 milhões de litros, uma descida de 9,2%. O valor médio caiu 5,8%, para 2,55 euros por litro. Só esta categoria representou 83,6% de todas as receitas de exportação de vinho e foi responsável por uma estimativa de 80,6 milhões de euros da quebra total.

O bag-in-box registou a maior descida percentual. As vendas em formatos entre 2 e 10 litros caíram 65,5%, para 4,93 milhões de euros, enquanto o volume recuou 68,9%, para 3,02 milhões de litros. O valor médio subiu 10,8%, para 1,63 euros por litro, mas não foi suficiente para compensar o colapso dos envios. Apesar de ser um segmento de pequena dimensão, o bag-in-box perdeu cerca de 9,4 milhões de euros face ao primeiro semestre de 2025.

O espumante também registou uma quebra. As receitas de exportação caíram 19,8%, para 5,38 milhões de euros, e o volume recuou 11,3%, para 1,66 milhões de litros. O valor médio desceu 9,6%, para 3,24 euros por litro. O espumante continuou a apresentar o valor médio mais elevado entre os grupos de produtos abrangidos pelo relatório, mas registou também a maior queda do valor unitário.

O vinho a granel resistiu ligeiramente melhor em termos de valor, embora também tenha registado uma descida. As receitas caíram 12,3%, para 82,77 milhões de euros, e o volume recuou 14,1%, para 113,68 milhões de litros. Ao contrário do vinho embalado, o vinho a granel registou uma ligeira subida do valor médio, que aumentou 2,1%, para 0,73 euros por litro. O vinho a granel representou 37,3% do volume total exportado, mas apenas 14,6% das receitas totais, sublinhando o menor retorno gerado por este segmento.

De acordo com a comparação histórica incluída no relatório, o resultado do primeiro semestre foi o mais fraco do Chile em valor para o período de janeiro a junho desde, pelo menos, 2021. As receitas totais ficaram cerca de 35,9% abaixo dos 886,2 milhões de euros registados no primeiro semestre de 2022. As receitas do vinho embalado em 2026 foram também as mais baixas da série, embora o volume enviado, de 191,1 milhões de litros, tenha ficado ligeiramente acima dos 190,8 milhões de litros exportados no primeiro semestre de 2023. Ou seja, o Chile enviou quase a mesma quantidade de vinho embalado que nesse período anterior, mas recebeu menos cerca de 72,9 milhões de euros. O vinho a granel regista agora quatro descidas consecutivas no primeiro semestre, em valor, desde que atingiu 155,1 milhões de euros em 2022, ficando em 2026 cerca de 46,6% abaixo desse valor.

Por destino, os 10 maiores mercados do Chile representaram 407 milhões de euros, ou 71,6% das receitas totais de exportação. O Brasil foi o único dos 10 principais mercados em valor a registar crescimento. As vendas para esse mercado subiram 7,3%, para 86,6 milhões de euros, tornando o Brasil o maior mercado do Chile em receitas no primeiro semestre de 2026. O volume enviado para o Brasil aumentou 9%, para 36,5 milhões de litros. Como o volume cresceu mais do que o valor, o valor médio recuou cerca de 1,6%, para 2,37 euros por litro. O crescimento no Brasil acrescentou cerca de 5,9 milhões de euros e elevou a sua quota nas receitas de exportação de

vinho do Chile para 15,2%.

O Reino Unido ficou em segundo lugar em receitas e em primeiro em volume. O Chile vendeu para este mercado vinho no valor de 70,8 milhões de euros, menos 9,5%, e enviou 45 milhões de litros, menos 7,7%. O valor médio ficou assim em cerca de 1,57 euros por litro, abaixo do registado no Brasil, apesar de o mercado britânico ter recebido mais 8,5 milhões de litros. O Japão foi o terceiro maior mercado em valor, com 47,7 milhões de euros, menos 18,3%. Os envios para o Japão caíram menos, 5,7%, para 27,8 milhões de litros, o que significa que o valor médio recuou cerca de 13,4%, para 1,72 euros por litro.

As maiores perdas monetárias entre os principais destinos registaram-se nos Estados Unidos e na China. As receitas do mercado norte-americano caíram 37,6%, para 44,7 milhões de euros, enquanto o volume recuou 36,1%, para 25,4 milhões de litros. A quebra face ao ano anterior foi de cerca de 26,9 milhões de euros. As vendas para a China caíram 34,5%, para 42,1 milhões de euros, e o volume sofreu uma quebra de 52,3%, para 15,4 milhões de litros, retirando mais 22,2 milhões de euros às receitas de exportação do Chile. Em conjunto, os dois mercados representaram uma perda de receitas de cerca de 49,1 milhões de euros, perto de 48% da quebra total das exportações chilenas no primeiro semestre.

A relação entre valor e volume foi muito diferente nos dois mercados. Nos Estados Unidos, o valor médio recuou cerca de 2,3%, para 1,76 euros por litro, em linha, grosso modo, com a descida do volume. Na China, porém, o valor médio subiu cerca de 37,3%, para 2,73 euros por litro, porque o volume dos envios caiu muito mais do que as receitas totais. O relatório assinalou que estes valores médios dizem respeito a todo o vinho enviado para cada destino e, por si só, não permitem determinar se as alterações de preço resultaram de preços mais elevados para os mesmos vinhos ou de uma mudança na composição dos produtos exportados.

O Canadá apresentou um padrão semelhante, embora menos acentuado. As receitas provenientes deste mercado caíram 6,5%, para 36,2 milhões de euros, mas o volume recuou 28,9%, para 15,4 milhões de litros. O valor médio subiu assim cerca de 31,5%, para 2,35 euros por litro, limitando a perda em valor a aproximadamente 2,5 milhões

de euros. Entre os restantes mercados dos 10 maiores em valor, os Países Baixos compraram vinho chileno no valor de 22,9 milhões de euros, menos 13,1%; o México comprou 20,1 milhões de euros, menos 9,8%; a Irlanda comprou 18,6 milhões de euros, menos 13,1%; e a Coreia do Sul comprou 17,3 milhões de euros, menos 18,4%. No México, o volume recuou apenas 1%, para 14,1 milhões de litros, pelo que o resultado mais fraco se deveu sobretudo à descida do valor médio, que caiu cerca de 8,9%.

A composição dos destinos também mudou em termos de volume, para além da classificação dos principais mercados por receitas. Espanha não figurou entre os 10 maiores mercados em valor, mas tornou-se o quinto maior em volume, depois de as importações de vinho chileno terem disparado 255,1%, para 24,2 milhões de litros, mais cerca de 17,4 milhões de litros do que no primeiro semestre de 2025. A Dinamarca também aumentou as compras, com o volume a subir 53,8%, para 9,9 milhões de litros. Em contrapartida, a Alemanha recebeu 10 milhões de litros, menos 32,1%.